

## CARTAS DE CÂMARA CASCUDO A JOAQUIM INOJOSA, NOS ANOS 1920: TEMPO DE MODERNISMO

Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

### **Resumo:**

Leitura de cartas trocadas entre Joaquim Inojosa e Câmara Cascudo ao longo dos anos de 1920, estabelecendo relações com a correspondência de Mário de Andrade, haja vista o fato de que ambos se correspondiam com o escritor paulista. Quando publicou *O movimento modernista em Pernambuco* (1968-1969), Joaquim Inojosa iniciou o registro histórico dessa correspondência associada à divulgação do movimento modernista na região Nordeste. Impõe-se, metodologicamente, a hipótese de que para os dois intelectuais estava posto o desafio de abrir a realidade regional para o diálogo franco com as perspectivas modernistas da época, processo que se manifestaria sob grande tensão, haja vista a pressão em contrário exercida por outras perspectivas, o que é enriquecedor para a história do movimento intelectual da época.

**Palavras-chave:** correspondência, modernismo, regionalismo, movimento.

### **Introdução**

No livro *O movimento modernista em Pernambuco*, Joaquim Inojosa (1968-1969) registra o envio a ele de treze cartas escritas por Câmara Cascudo durante os anos de 1920, documentos que se juntam a outros escritos por diversos intelectuais, todos apresentados como testemunhas da história do modernismo na região Nordeste do Brasil. Observa-se que nove dessas cartas foram enviadas em 1925, três em 1924 e apenas uma em 1926. Posteriormente, o projeto de pesquisa *Consciência moderna e movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa* (ARAÚJO, 2011) localizou no acervo do *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo, apenas três cartas de Joaquim Inojosa enviadas ao escritor potiguar na década de 20 – duas enviadas no ano de 1925 e uma em 1926.

A análise da correspondência referida tem como objetivo uma discussão sobre as repercussões do modernismo no Nordeste e no contexto do período considerado de modernização social, com vistas à preparando de uma edição anotada das cartas trocadas entre os dois intelectuais. A leitura dessa correspondência considera que os dois intelectuais envolvidos no objeto de estudo trocaram cartas com Mário de Andrade, principal interlocutor de ambos naquele momento histórico, qual seja, o período de divulgação do movimento modernista brasileiro. Trata-se, portanto de uma “epistolografia de modernistas”.

Este trabalho é resultado de estágio pós-doutoral desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP e do projeto *Arquivos de correspondências: carta e vida literária de escritores do Rio Grande do Norte* (Edital Universal – MCT/CNPq – nº 14/2010), cujo interesse de pesquisa é estudos de correspondências de intelectuais norte-rio-grandenses, por meio de pesquisas em arquivos e manuscritos, de

modo a possibilitar a compreensão de suas configurações estéticas articuladas a processos sociais.

O ponto de partida do suporte teórico da análise realizada foi a noção de sistema literário proposta por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1975), uma vez que a questão do processo formativo local despertava no início do século XX o entusiasmado interesse do então jovem Câmara Cascudo. Naquele momento, ele tentou promover a leitura daquele processo, inclusive por meio do seu primeiro livro publicado – *Alma patricia* (1922), “crítica impressionista e admirativa”, segundo o próprio autor, com notas biobibliográficas sobre dezoito escritores potiguares, escolhidos com o intuito de formação de um cânone local. Também se observa, na correspondência com Mário de Andrade, o interesse no conhecimento da produção regional, inclusive a dos poetas do chamado período “pós-romântico” que, no caso do Rio Grande do Norte, corresponde ao período formativo local.

A orientação básica sobre arte moderna no século XX, nos dois projetos de pesquisa referidos, tem como eixo as formulações de Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. A leitura dos dois teóricos permitiu refletir sobre a modernização que se implantava naquela época, quando o racionalismo ocidental ganhava no Brasil a forma institucional da república que se instalara há poucos anos. Neste sentido, a leitura da correspondência entre os dois intelectuais nordestinos se vincula ao estudo da história e da vida literária brasileira, com ênfase para a reflexão sobre a literatura produzida em espaços considerados periféricos do país e em períodos de modernização.

Especificamente nesta discussão, serão apresentadas apenas a leitura das três cartas enviadas por Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) a Joaquim Inojosa de Andrade (1901-1987) ano 1924, assim como da primeira carta enviada pelo intelectual pernambucano ao natalense no ano de 1925, com vistas à compreensão da situação favorável à recepção do modernismo na região.

## **Análise das missivas**

A carta pessoal (*epistola familiaris*), como um gênero textual influenciado por características informais, é, segundo Costa (2011), muito mais que um substituto da comunicação face-a-face: “(...) podemos afirmar que a carta serve, não somente, à superação da distância temporal e espacial entre interlocutores, mas também à elaboração da escrituralidade, de uma concepção discursiva da distância”. Daí o gênero ser atravessado por uma série de tradições que determinam as escolhas linguísticas dos missivistas. Ingo Reiffenstein (apud COSTA, 2011) afirma que cartas são textos que se encontram em uma tensão específica entre a ligação com um dado formulário, de um lado, e a liberdade individual, de outro. Tal formulário pode se preencher de formas diversas, à medida que acontece uma maior aproximação.

Aplicando essa categoria de formulário à estrutura composicional da forma epistolar proposta por Adam (1998, p. 42), as aberturas das três cartas enviadas por Câmara Cascudo a Joaquim Inojosa, no ano de 1924, confirmam o preenchimento diversificado do formulário e sugerem o clima de militância daquele momento.

A forma de tratamento utilizada por Câmara Cascudo para se dirigir a Joaquim Inojosa apresenta uma gradação que vai de “amigo” a “irmão”, no intervalo de poucos meses (agosto a dezembro), sugerindo a consolidação de uma amizade. Tratar o amigo

como “irmão” implica no reconhecimento de uma filiação em comum, assim como uma identidade de membros que se associam em torno de algo. Implica, no mínimo, uma relação muito próxima por laço de amizade, sentimentos e/ou inclinações.

Os exórdios desses textos revelam, contudo, que a função das missivas era bastante prática, importando mais para o seu autor, no suporte “carta”, a agilidade da informação do que propriamente o cultivo da amizade. Talvez esse fator, um tanto contraditório, fosse determinado pela proximidade física entre ambos. A possibilidade real da convivência subtrairia à carta determinados assuntos que certamente eram tratados pessoalmente. Os exórdios revelam a praticidade do assunto dessas cartas, o que não chega a caracterizar uma ruptura com a tradição (exórdios realizam a tomada de contato com o destinatário, de acordo com a retórica). Câmara Cascudo introduz os propósitos de forma direta:

Ahi vai o registo de tua “Arte Moderna”. Ainda estou em tempo de felicitar-te pelo escândalo. (Cascudo - 22-8-24. INOJOSA, 1968-1969, p. 377);

Estou cumprindo o pacto. Mesmo sem fingir Egas-Muniz da velha historia lusa, estou, em rigor, dentro de minha palavra. E os retratos? (Cascudo - 15-12-24. INOJOSA, 1968-1969, p. 377);

Ahi encontrará V o promettido. As cartas, o retrato e o abraço pelas lindas coisas que disse de mim. (Cascudo - 28-12-24. INOJOSA, 1968-1969, p. 378).

O que mais chama a atenção no texto das pequenas cartas de Câmara Cascudo é a quase inexistência de um corpo, diante da relevância dos exórdios e das perorações. A rigor, apenas a terceira carta apresentaria um corpo: trata-se do relato de uma viagem do seu autor ao interior do Rio Grande do Norte. Já as perorações reforçam o caráter prático das missivas, retomando as demandas iniciais e inserindo novas, conforme exigia a situação dos, então, militantes modernistas:

Para isto tens cultura, elegância estylistica e coragem. (Cascudo - 22-8-24. INOJOSA, 1968-1969, p. 377);

Fique você com o encargo do abraço ao Dustan. E a *Prôa*? Quer deixá-la ficar em pôpa? (Cascudo - 15-12-24. INOJOSA, 1968-1969, p. 377);

Mande ao Saéz uns 5 exemplares do nosso trabalho – *Arte Moderna*. O endereço é – B. Sanchez-Saéz – Rivadavia 1731. O do Luis Emilio Soto é 15 de Noviembre 1715. Ambos em Buenos-Aires. Mande aos dois com dedicatorias. Ao Soto mande uns 4 exemplares. (Cascudo - 28-12-24. INOJOSA, 1968-1969, p. 378).

As cartas analisadas chamam também a atenção sobre a situação dos centros

culturais do país (especialmente São Paulo e Recife), implicando aí a definição do papel dos produtores e a formação de públicos em contextos diferentes nas diversas regiões e estados, sob a influência e a pressão dos grandes centros nacionais. Em carta enviada ao poeta Mário de Andrade, em 12 de outubro 1925, Câmara Cascudo apresenta a seguinte visão: “Não há cidade no Brasil que me dê a impressão heterogênea de São Paulo. O Rio é rythmico dentro do seu polycolorismo. Paulicéa é atordoante. Cidade-mayonesa” (Cascudo - 12 out. 1925. Cf. Anexos de GOMES, 1999). Comparada a esses centros, a cidade do Natal aparece como um contraste em uma crônica cascudiana:

Despensa o commentario. Basta anunciar. Natal a noite. Estamos vendo uma cidade quieta como se aprendesse o movimento com as mumias pharaonicas. Sob a luz (quando ha) das lampadas amarellas arrastam, meia duzias de creaturas magras, uma “pose” melancolica de Byrons papa-gerimúns.

Depois, um “film” no Royal ou Rio Branco ou poker somnolento do Natal club.

1ºA noite em Natal”. *A Imprensa*, 11 maio 1924 (CASCUDO, 2005, p. 86).

Sabe-se, contudo, que a cidade do Natal sofria, no início do século XX, as consequências da introdução de um novo ritmo de vida coletiva e de novas formas de ordenamento social. Segundo Raimundo Arrais, o cronista dessa cidade aponta o lado negativo dessas novas formas e:

(...) recorda o passado de uma Natal que se distinguia nitidamente da Natal dos anos vinte, invoca o papel do Estado na proteção de uma cultura popular que ele vê sob o risco do desaparecimento, exalta a modernização da cidade e a regeneração da política, partilha com as elites locais as inquietações trazidas pela emergência do proletariado urbano. (ARRAIS, 2005, p. 10).

Evidenciava-se, já naqueles anos, o desejo de Mário de Andrade no sentido de conhecer a região Nordeste, confirmando a tendência que apontava na direção de uma abrangência nacional do modernismo. Em carta enviada a Câmara Cascudo (26 set. 1924. Cf. Anexos de GOMES, 1999), Mário de Andrade declara o “sincero desejo” de “conhecer pessoalmente” o amigo. Já na primeira carta enviada por Câmara Cascudo ao amigo paulista, no ano seguinte (19 maio 1925), surge um convite: “Por que não se resolve a ver o Brasil que o catete esqueceu? Inojosa em Recife e eu em Natal seríamos os hospedeiros”. A resposta paulista vem em 26 de junho: “Ah! Se eu pudesse nem carecia de você me convidar, já faz muito que tinha ido por essas bandas no norte visitar vocês e o norte.” (cf. Anexos de GOMES, 1999). Em Recife, onde os dois intelectuais nordestinos se encontravam na Faculdade de Direito, Joaquim Inojosa lança a carta-manifesto *A arte moderna*, dirigida aos intelectuais paraibanos e “nortistas”. São esses, os principais assuntos das cartas trocadas pelos três personagens ao longo dos anos de 1920.

Observa-se, nos textos analisados, um grande desejo direcionado à superação da realidade provinciana da região, como se estivesse dado a esses intelectuais uma espécie de missão civilizatória destinada a atualizar a vida literária regional. As cartas do ano de

1924 demonstram também uma vontade de intervenção de Câmara Cascudo, que dá a Joaquim Inojosa a missão de “educar” os conterrâneos: “Resta explicar aos poetas de Recife o que vem ser arte moderna”, afirma ele no corpo da primeira carta (22/08/1924), cujo assunto único é a leitura do documento *A Arte Moderna*, de autoria de Joaquim Inojosa e cujo tema é a divulgação do modernismo no Nordeste. As quatro linhas do texto informam sobre o registro do documento no jornal natalense *A Imprensa*, por meio de resenha de autoria do próprio Câmara Cascudo, felicitam Inojosa pelo “escândalo” e deixam explícito um incentivo à ação militante do amigo: “Para isto tens cultura, elegância estilística e coragem”.

Essa primeira carta de Câmara Cascudo pode ser caracterizada mais como um bilhete junto ao qual segue a cópia manuscrita da resenha da carta-manifesto de Joaquim Inojosa dirigida à revista *Era Nova*, da Paraíba, naquele ano. Câmara Cascudo publicara a resenha no jornal de propriedade do seu pai, no mesmo dia em que está datado o bilhete.

No canto esquerdo do manuscrito, aparece a data e a localização do endereço do missivista que tem uma letra miúda: “Av. Jundiahy 20”, “Em Natal”. Este é o endereço da aristocrática “Chácara do Tirol”, lugar lendário nas memórias cascudianas, paraíso perdido onde pontificou naqueles anos o filho do republicano Coronel Cascudo, endereço onde se hospedaria em finais de 1928 e inícios de 1929 o modernista Mário de Andrade. O indicativo “Em Natal” indica que o missivista não estava “Em Recife” naquela data – a capital de Pernambuco era o espaço onde ele circulava também como estudante de Direito em meio à “gente nova” pernambucana e dos estados “fornecedores da estudantada” que se reunia nos bares e restaurantes, conforme narra amistosamente em *Gente viva*, livro de memórias que tenta documentar, embora sem o aparato de arquivo demonstrado pelo amigo Inojosa no seu livro-documentário, a participação no modernismo. Nessas memórias, Cascudo se refere ao ano de 1925 como “o negado mas real maremoto do Movimento Modernista” (CASCUDO, 1970, p. 140).

A segunda carta é tão curta quanto a primeira e faz referência à *Proa*, revista que não chegou a ser lançada. Chama a atenção a cobrança de Cascudo ao afirmar: “Quer deixá-la ficar em pôpa?”. Com essa demanda, reitera-se a intervenção no sentido de estimular a militância modernista de Inojosa em direção à vanguarda – “Proa” se localiza na mesma área semântica de “Klaxon”, bem no espírito dos primeiros anos modernistas. Configura-se, nesse discurso, uma espécie de desejo de reviver no Nordeste a agitação vanguardista da Semana de Arte Moderna de 1922. Esse tom eufórico de Câmara Cascudo é reiterado no ano seguinte, quando relata a Mário de Andrade o seguinte assunto em carta escrita no dia 22 de agosto de 1925 e enviada ao amigo paulista:

Novidade-escândalo há uma: vou publicar uma revista de Arte Moderna. Sairá três números... É um grito. Um berro no meio do concerto bem afinadinho dos meus sonetistas e poetas-carro-de-boi. Verdade é que já arranquei das goelas do soneto muita gente séria. O livro-bicho, o prova, é *O escrava que não* etc. Cômico. Rapidez. Síntese. Simultaneidade. Cor. Justiça. Brilho. E mais partes (Cascudo - 22 ago. 1925. Cf. Anexos de GOMES, 1999).

A última carta desse ano amplia, na sua peroração, a militância modernista

casquiana para além dos limites regionais. O uso do imperativo (“Mande ao Saéz...”) sem qualquer mediação, se por um lado sugere o tom autoritário próprio dos donos do poder regional, por outro revela a intimidade dos amigos que se sentem à vontade no trato direto dos assuntos e em desobediência às normas tradicionais do formulário “carta”. De qualquer modo, soa como expressão de líder o ato de passar ao outro a tarefa da divulgação. É certo que caberia ao próprio autor essa incumbência, mas o amigo determina até os detalhes da tarefa e chega a assumir a co-autoria da carta-manifesto (“Mande ao Saéz uns 5 exemplares do nosso trabalho”; “Mande aos dois com dedicatórias. Ao Soto mande uns 4 exemplares”).

À parte a aparente posição de mando do remetente, interessa mais para esta discussão o fato de que se tratava de expandir a divulgação do modernismo para além das fronteiras nacionais: a ação de Câmara Cascudo teve como desdobramento a publicação de um artigo de divulgação do modernismo brasileiro na Argentina, por Bráulio Sanchez-Saez, na revista *Caras y Caretas* (Cf. INOJOSA, 1968-1969, p. 119-120). Segundo Inojosa, o argentino também traduziu *A Arte Moderna* para o espanhol. A intensificação da correspondência casquiana levou também à apresentação do argentino Luis Emilio Soto a Joaquim Inojosa e a Mário de Andrade. Em 12 de julho de 1925, escrevia Cascudo a Mário: “(...) Creio que lhe mandei versos. E que versos !... E um livro argentino pedindo, em troca, outro Escrava para um meu camarada argentino que nasceu na Columbia, o Luis Emilio Soto, em tudo digno da nossa atenção e carinho” (cf. Anexos de GOMES, 1999). O argentino veio ao Brasil, tendo encontrado Mário de Andrade, que comenta em carta de 12 de março de 1926:

O Luís Emilio Soto foi-se embora. Gostei dele de verdade. Um pouco misterioso. De repente desaparecia. Esteve mais de mês aqui em S. Paulo. Desconfio um pouquinho que veio em alguma missão que não sei o que é. Possivelmente bolshevista... Não sei e não quero fazer mau juízo de ninguém. Peço mesmo pra você que ignore isto que estou falando porquê pode ser falso. Em todo caso é bem exquisito isso de virem dois homens da Argentina passarem por literatos e desaparecerem de vez em quando dos meios literários, andar em ninguém sabia adonde, passarem um mês inteirinho em S. Paulo, não irem pro Rio (pelo menos pelo que contaram) só o Soto na vespera da partida pra Buenos Aires foi passar dois dias no Rio que no entanto como Brasil e como meio literário é muito mais importante que S. Paulo. Só disso é que não gostei muito. No resto boa gente divertida inteligente e bastante livre. Me deram uns dois livros argentinos modernos que por sinal não puderam me interessar muito. Si o modernismo argentino é isso o nosso é bem mais forte. (cf. Anexos de GOMES, 1999).

O tom imperativo da última carta do ano de 1924 não altera, contudo, a ordem de liderança do movimento naquele momento. O próprio Joaquim Inojosa tinha consciência dos limites da sua ação, como se percebe no seguinte comentário em carta remetida a Mário de Andrade, em fevereiro de 1925: “Devido ao meu esforço, à minha actividade, todos os novos de São Paulo são conhecido (sic) em Pernambuco: e a minha acção se distende pela Parahyba e Pará que no Rio Grande do Norte existe o espírito ‘rapidíssimo’ do nosso Cascudo” (INOJOSA, 1925). O superlativo “rapidissimo” entre

aspas remete à primeira carta lhe fora enviada por Mário de Andrade, com data de 28 de novembro de 1924: “(...) Mas como ainda é difícil o Brasil, santo Deus! Daqui pra aí é ainda um romance de Júlio Verne e eu não tenho as forças necessárias para viver êsse romance. Só entrei em relações com o Luís da Câmara Cascudo, rico **espírito rapidíssimo**. Dos outros não sei nada senão o que você conta” (Cf. INOJOSA, 1968-1969, p. 339. Grifo meu).

Em resposta à última carta de Câmara Cascudo, do ano de 1924, Joaquim Inojosa enviou nos primeiros dias de 1925 uma missiva na qual se destaca a imagem que ele fazia do amigo, com fortes traços relacionados ao ritmo dos tempos modernos, de velocidade e agitação, chegando a associar o relato de um acidente de trem no interior do Nordeste a um desastre acontecido na Europa, como a indicar a sintonia com o mito da velocidade que, naquele momento, ainda ecoava do futurismo de Marinetti. São alusões que convergem claramente para o enaltecimento da militância, para o incentivo à atitude vanguardista de Câmara Cascudo, que é visto também como “o dominador natalense”. Para efeito de uma melhor comparação, citamos partes dos corpos dos dois documentos:

Cascudo - 28-12-24. (INOJOSA, 1968-1969, p. 378)

Ahi encontrará V o prometido. As cartas, o retrato e o abraço pelas lindas coisas que disse de mim.

Não tenho passado bem de saúde. Fiz uma viagem para o interior e o trem especial onde eu seguia resolveu-se virar e machucou-me um braço. Não teve grandes consequências e é um motivo. Um bello e sonoro motivo para nada fazer e desmentir o meu caro Inojosa que me emprestou as qualidades yankees da vitesse.

Inojosa - 6-1-25 (INOJOSA, 1925a)

(...) Neste anno Santo de 1925, tenho que iniciar as minhas preces, rezando pelo seu prompto restabelecimento. Luiz o dominador natalense reproduzir... o presidente da França... faz pouco tempo... desastre de trem.

Bravo!

Recebi, hontem, carta do Rocha. Sempre e sempre, a falar do Cascudo.

Leu a carta do Mario que publiquei no “Jornal do Commercio”?

O próprio Câmara Cascudo não ficava atrás na construção dessa imagem, como se percebe no ato reiterativo de inserir em mais duas cartas o mesmo assunto com retoques de narrativa literária:

Agora uma notícia. Sabe que o dia 24 ia dar-lhe um assunto esplêndido? Ia morrendo banalmente. Estupidamente. Nem sequer tinha lido os artigos do sr. Kalogeras no *Jornal*. Fui a Lajes de auto. Quebrou. Trem especial. Virou a locomotiva, espatifou-se o tênder. Moralidade: machuquei um braço e fiz um discurso em Lajes onde citei Ruy, Hermes (o Fonseca), Nilo, Seabra, Artur Bernardes e outros gigantes. (Cascudo - 6-1-1925. INOJOSA, 1968-1969, p.

379).

Não me esquecerei do minuto-relâmpago em vi a “22”, imensa mancha lufante e rápida, precipitar-se num fragor de ferro ardido, fumo e brasas soltos pelo ar, na garganta cinzenta do barranco. Não me esquecerei. Pode ser passadismo. Não me esquecerei. (Cascudo - 12-1-1925. INOJOSA, 1968-1969, p. 380).

Finalizando a carta de seis janeiro de 1925, o pernambucano recorre ao mesmo expediente do amigo natalense para solicitar uma colaboração para o *Jornal do Commercio*, mas qualifica a sua interlocução ao expor o autoritarismo disfarçado na camaradagem (“A intimidade entre irmãos, não exclue certa autoridade, às vezes, de um para com o outro”), talvez de modo irônico para demonstrar certo incômodo com o tom imperativo da carta recebida do “caloiro enfeitado” em dezembro do ano anterior:

A intimidade entre irmãos, não exclue certa autoridade, às vezes, de um para com o outro.

Pois bem: intimo-o a preparar um longo Trabalho para a edição de aniversário do “Jornal do Commercio”, que sairá, ainda, nos primeiros dias de Abril, e conterà 100 paginas. Uma pagina reservo-a para o Sr.... caloiro enfeitado... L. C. C. (Inojosa - 6-1-25. INOJOSA, 1925a).

As amabilidades são simultâneas, mas têm gradações distintas que desmentiriam uma perfeita harmonia de posições. Em resposta à alusão ao poder, Câmara Cascudo dispara: “Quanto ao Mr. le President de France... Fôsse eu semelhante bicho e estaria V. embaixador. Em Portugal!!...” (Cascudo - 12-01-1925. INOJOSA, 1968-1969, p. 380). A atitude responsiva de Câmara Cascudo, que sutilmente se deixa refletir na sua posição de comando e, ao mesmo tempo, rebate o valor absoluto que lhe é impingido pelo amigo, é bastante significativa da sua posição dentro do movimento modernista, como se percebe no comentário que ele faz de *A Arte Moderna*. Na resenha desse documento, demonstra o desejo de certa independência com relação ao movimento:

No Rio Grande do Norte couberam-me os galões do generalato. Vindos de taes mãos dadivosas não recuso: Mas, ponho restricções. Não sei sob qual bandeira me bato e ajo.

Até aqui a única theoria litteraria que me seduz é a minha. Há a compensação de ser eu só. E já é muito. (CASCUDO, 1924).

## **Conclusão**

Constatou-se a necessidade de investir na análise do texto das cartas como um procedimento básico para se verificar como, através dos posicionamentos dos seus autores, os elementos da cultura e os elementos mais especificamente literários (língua,



temas, imagens) convergiram para a formalização estética de um ritmo geral do movimento literário examinado, o modernismo. Tal ritmo se manifesta, por exemplo, no modo como se preenche o formulário “carta” à medida que acontece uma maior aproximação entre os missivistas, uma maior proximidade comunicativa, que vão impondo aos seus textos as marcas da informalidade. No que diz respeito ao aspecto das tradições culturais a que responde o gênero carta como uma tradição, faz-se portanto necessário recorrer ao caráter inovador desses documentos “modernistas”, se assim consideramos o conjunto em análise. Tal inovação pode ser vista de ângulos diversos (estilo, forma, grau de informalidade, temas, etc.) que permitem observar modificações históricas no gênero, dentro de um campo de tensão entre convenção e inovação.

Percebe-se, nesse conjunto de missivas escritas nos anos de 1920, quando se iniciou a correspondência entre os dois intelectuais e também entre eles e Mário de Andrade, o caráter de divulgação do modernismo como um desafio posto aos dois nordestinos no sentido de abrir a realidade regional para o diálogo franco com as perspectivas modernistas da época. Em tal contexto, mereceu relevo o posicionamento dos autores sobre o movimento.

A posição de Câmara Cascudo oscila de “modernista”, na sua interlocução com Joaquim Inojosa, a “brasileiro” quando dialoga com Mário de Andrade. Tal posicionamento pode servir de baliza na compreensão do modo como se deu a descentralização do modernismo naquele momento em que se expandia nacionalmente e deixava, portanto, de ser o “modernismo paulista”. Neste sentido, talvez seja proveitoso para a discussão apreender o movimento desencadeado por Joaquim Inojosa como um “modernismo tardio”, considerando o contexto do início do século XX, em que o futurismo e a Semana de Arte Moderna de 1922 já alcançavam os seus desdobramentos em vertentes distintas das suas matrizes.

Quanto ao brasileirismo de Câmara Cascudo, trata-se de um registro pleno de tensões e enriquecedor para a apreensão do modo como se deu o processo da dominante cultural do período considerado. De um modo geral, verifica-se que as cartas trocadas entre Cascudo e Mário, naquele momento, não diziam mais respeito, exatamente, à história do modernismo relacionado diretamente à Semana de Arte Moderna de 1922, ou seja, à polêmica entre futuristas e passadistas. Nelas, discutia-se o “espírito de brasilidade” relacionado ao nacionalismo, procuravam-se conteúdos brasileiros para a nova forma literária (cf. ARAÚJO; SÁ, 2011). Em tal processo, interessa discutir os modos de aproximação e distanciamento de personagens fundamentais ao seu andamento – discutir, por exemplo, o silêncio que envolve a interlocução entre Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e Mário de Andrade. Mas esta é uma discussão que talvez só possa surgir após a escuta do grande barulho produzido por Joaquim Inojosa em torno da participação freyriana no movimento – tarefa para uma próxima leitura.

## **Referências Bibliográficas**

ADAM, Jean-Michel. Lês genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. In: *La lettre entre réel et fiction*. Paris, Sedes, 1998. p. 37-53.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Consciência moderna e movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa*. Projeto de pesquisa – Pós-doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP, 2011. (Digitado).

\_\_\_\_\_. *Arquivos de correspondências: carta e vida literária de escritores do Rio Grande do Norte*. Projeto de pesquisa– Universal – MCT/CNPq – nº 14/2010 (Digitado).

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; SÁ, Edna Maria Rangel de. As correspondências de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. *Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2011 (no prelo).

ARRAIS, Raimundo. O nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005. p. 9-79.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2 v.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patricia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005.

\_\_\_\_\_. *Gente viva*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1970.

\_\_\_\_\_. Registro bibliográfico: Arte Moderna. *A Imprensa*, Natal, 22 ago. 1924.

COSTA, Alessandra Castilho da. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. *Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2011 (Digitado; no prelo).

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. (Mestrado em Literatura Comparada) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 1999.

INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1968-1969. 3 v.

\_\_\_\_\_. Recife, fev. 1925. Arquivo Mário de Andrade – Série: Correspondência de

**XII Congresso Internacional da ABRALIC**  
***Centro, Centros – Ética, Estética***

**18 a 22 de julho de 2011**  
**UFPR – Curitiba, Brasil**

Mário de Andrade. MA-C-CPL, n. 3713. IEB/USP, São Paulo. 1925.

\_\_\_\_\_. 6-1-25. Arquivo Câmara Cascudo. *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo, Natal. 1925a.